

Análise das Táticas de Resistência na série *The Handmaid's Tale*¹

Leandra COHEN²

Francys ALBRECHT³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

O presente estudo⁴ tem como objetivo analisar as táticas de resistência observadas nas duas primeiras temporadas da série *The Handmaid's Tale*, produção do serviço de streaming da Hulu Produções. Para construção do objeto de investigação, recorreremos aos conceitos de poder soberano, poder disciplinar e vigilância (FOUCAULT, 2010), biopoder (FOUCAULT, 2005) e táticas de resistência (CERTEAU, 1998). Dessa forma, foi possível compreender a atmosfera de estratégias de governo empregadas no universo da série e a forma como as personagens forjam táticas para subverter a ordem e resistir.

PALAVRAS-CHAVE: poder; estratégia; tática; resistência; *The Handmaid's Tale*.

INTRODUÇÃO

Se você for mulher, imagine que certa manhã você acorda e seu cartão de crédito está bloqueado. Então você decide ir ao banco e descobre que todos seus ganhos e todas as transações financeiras que deseja realizar vão depender da autorização prévia de seu marido ou pai ou uma figura masculina próxima. Se você for homem, imagine que sua namorada, mãe ou amiga, dia após dia foi perdendo direitos sem dar-se conta dos anos de retrocesso que estavam sendo impostos à conta-gotas. Até que chega um dia em que mulheres e trabalho tornam-se uma relação proibida. A mulher volta a pertencer ao núcleo familiar exclusivamente, sua única função é procriar, cuidar das crianças e do

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 6 - Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM - UFSM), e-mail: leandra.schirmer@gmail.com.

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM - UFSM), e-mail: franalbrecht13@gmail.com.

⁴ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

esposo. Este cenário caótico, entretanto, é apenas o início da revolução misógina e patriarcal que envolve o seriado *The Handmaid's Tale*.

Após o sucessivo retrocesso, quebra de pactos de direitos humanos, mudança constitucional, implementação de novos órgãos de gerenciamento do Estado, nova arquitetura do serviço de segurança nacional e novas figuras políticas, estabelece-se a nação fictícia Gilead. Este enredo é baseado no livro homônimo (O Conto da Aia em Português) de Margaret Atwood e apresenta-se como uma realidade distópica dos Estados Unidos.

O seriado *The Handmaid's Tale* é uma produção do serviço de streaming Hulu e foi lançado em abril de 2017. Atualmente, está em produção a terceira temporada da trama. A sinopse, além do cenário repressivo e ditatorial citado anteriormente, se passa em tempos em que as taxas de fertilidade estão cada vez mais baixas devido às condições da vida moderna como poluição, alto uso de agrotóxicos, além do surgimento de novas doenças e a mudança do papel social das mulheres, interessadas em progredir a carreira profissional, saindo da base da constituição familiar. Como estratégia de governo, se estabelece uma sociedade extremamente estratificada e teológica em que o papel das mulheres é dividido em diferentes castas: no topo da pirâmide social, as esposas dos comandantes, geralmente inférteis e ansiando por um filho; logo abaixo, estão as aias, damas de reprodução, são mulheres férteis que passam temporadas sendo estupradas na casa dos comandantes até que engravidem e deem as crianças para as esposas; nos “Centros vermelhos” temos as Tias, que trabalham treinando as aias para suas funções; dentro das casas, trabalham as martas que são responsáveis pelos afazeres domésticos; já as mulheres consideradas com mau comportamento ou com um passado de transgressões irão trabalhar como prostitutas na “Casa de Jezebel”, ou nas fazendas com alto grau de infecção radioativa.

O núcleo narrativo se passa na residência dos Waterford tendo como principais personagens Fred Waterford e Serena Waterford, comandante e esposa respectivamente, além da protagonista e narradora da história, Offred, a aia que antes da instauração de Gilead chamava-se June Osbourne⁵ e tinha uma vida considerada normal, onde estudava, trabalhava e convivia com a filha e o marido. A história estende-se aos demais personagens, especialmente, nos furtivos encontros das aias ao encontrarem-se para

⁵ As aias não têm direito nem mesmo a utilizar seu nome verdadeiro. Elas ganham um novo nome toda vez que trocam de casa, após parir, que se refere ao nome do comandante ao qual pertencem. (Offred – *of Fred* – de Fred).

caminhada diária, ida ao mercado ou, então, o tão raro ritual do parto. Nestas ocasiões, June e suas companheiras são exploradas pela série pela coragem em procurar conhecer a vida pré-Gilead das aias com que convivem. Estes pequenos respiros diários, onde por vezes as aias têm conversas curtas e fragmentadas, colaboram para que se instaure uma rede de resistência entre elas.

O objetivo deste trabalho é investigar como se dão as táticas de resistência das aias no cenário extremamente perverso de *The Handmaid's Tale*, nas duas primeiras temporadas, lançadas em 2017 e 2018⁶ respectivamente. Para isso, iremos analisar a série pela ótica de Michel Foucault e seu extenso trabalho sobre as formas de poder e as estratégias de governamentalidade. Para tanto, será de nosso interesse a utilização dos conceitos de poder soberano, poder disciplinar e vigilância (FOUCAULT, 2010) e biopoder (FOUCAULT, 2005). Da mesma forma, em um segundo momento, iremos discorrer sobre as táticas de resistência, através de Certeau (1998), analisando exemplos da série.

GILEAD E AS ESTRUTURAS DE PODER

O controle sobre a vida humana, segundo Foucault (2005), é um dos grandes fenômenos que marca o século XIX. A tomada de interesse pelo biológico entra em vigor na medida em que o corpo deixa ser visto como instrumento e operacionalização de trabalho ou como *locus* de execução penal e passa a ser concebido enquanto depósito de estratégias de disciplinamento e controle populacional. Para aprofundar a discussão, se faz necessário elencar alguns conceitos sobre poder na perspectiva do autor.

O poder soberano, de acordo com Foucault (2005), é a forma de governo absoluto, na qual uma estrutura de poder, marcada pela figura de um ser soberano como um rei ou clérigo, exerce o controle sobre toda a população de forma unilateral. Nos primórdios das punições, os crimes eram combatidos através da violência. Partindo da ideia de que o soberano representa o Estado, qualquer delito cometido é uma ofensa pessoal à figura do autocrata. Portanto, o corpo torna-se a fonte de recepção de vingança e castigo. Entretanto, com o desenvolvimento das sociedades, esta forma de controle social começa a passar por dificuldades até tornar-se inviável

⁶ A primeira temporada contém 10 episódios e a segunda, 13. Todos os episódios foram assistidos e discutidos pelas pesquisadoras para esta análise. Disponível em: <<https://www.hulu.com/press/show/the-handmaids-tale/?temp=synopses>>. Acesso em 09 maio 2019.

devido ao crescimento populacional. Haveria de surgir um modelo de segurança que possibilitasse trabalhar com um grande número de pessoas observadas, para substituir o modelo de aplicação penal caso a caso.

Despontando de uma necessidade, “a direito de punir deslocou-se da vingança do soberano à defesa da sociedade” (FOUCAULT, 2010, p. 87), ou seja, o crime deixa de representar um atentado à figura representante do Estado e passa a ser um dano à sociedade. Essa nova formulação de governo é chamada de poder disciplinar e tem como objetivo aumentar a eficiência e produtividade humana, otimizar a organização do espaço de forma estratégica através da vigilância. Esse arranjo é, então, incorporado por instituições sociais como o sistema carcerário, as salas de aula e a disposição dos funcionários do espaço laboral.

A chave para a disciplina dos corpos é possibilidade de observação de um grande número de pessoas de uma só vez. Nesse sentido, Foucault (2010, p. 164) afirma que “a disciplina fabrica indivíduos, ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício”. Dessa forma, os sujeitos em constante vigilância passariam a incorporar uma atitude de autogovernança com a intenção de minimizar possíveis penas por infrações. Este modelo de controle esteve em vigor desde o século XVII e passa por alterações na tentativa de adequar-se às mudanças sociais que surgem no decorrer da modernidade.

Aos poucos, as estratégias de governo passam a ocupar-se, cada vez menos, com o homem-corpo, mudando o foco para o homem-espécie. Isto posto, o controle populacional entra em funcionamento através de técnicas e produção de saberes especializados e de controle coletivo como, por exemplo, taxa de natalidade, estatísticas populacionais, nivelamento e padronização educacional e controle e venda de dados pessoais, que vem a ser chamada de biopolítica - o controle sobre a vida. Sobre esse aspecto, Foucault (2005, p. 289) afirma que

Trata-se de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos (os quais não retornam agora), constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica.

Essa incidência sobre a vida, na tentativa de contornar as consequências da vida moderna, pode ser observada na realidade distópica de *The Handmaid's Tale* quando a sociedade norte-americana entra em colapso e medidas radicais são acionadas para controle populacional. Entretanto, é necessário salientar que não há uma substituição de poderes, não há uma passagem do soberano para o disciplinar e do disciplinar para o biopoder. Para tanto, Foucault (2005, p. 302) afirma que “o elemento que vai circular entre o disciplinar e o regulamentador, que vai se aplicar, da mesma forma, ao corpo e à população, que permite a um só tempo controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica” passa a ser um normalizador da sociedade.

Tendo em vista as características dessas formas de governamentalidade e os objetivos de cada uma, é possível observar na ambiência do seriado uma aplicação da biopolítica. No momento em que aias, martas ou outros transgressores são enforcados ou mutilados por infrações, está em vigência a racionalidade soberana. A conduta das aias pautadas em reproduzir falas, utilizar vestimentas e cumprir os rituais ditados, demonstra a aplicação da disciplina e vigência de um sistema de vigilância na intenção de produzir corpos docilizados. E, por fim, a própria estrutura de Gilead é projetada para possuir um controle sobre a vida como um todo, controlando as taxas de natalidade e fertilidade através do estupro, da organização social por meio de castas, entre outros exemplos.

MAYDAY E OUTRAS TÁTICAS DE RESISTÊNCIA

[...] sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atezado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento. (FOUCAULT, 2010, p.9).

Assim como *Handmaid's Tale*, *Vigiar e Punir* (2010) também é uma obra bastante indigesta. Já em suas primeiras páginas, Foucault narra o suplício de Robert-François Damiens, condenado em 1757 por parricídio, para ilustrar as formas de punição exercidas pelos monarcas através de seu poder soberano. Longe de apenas apelar para a violência gratuita, Foucault utiliza essa narrativa seguida de uma outra, a exposição do regimento da “Casa de jovens detentos de Paris”, para demonstrar a

diferença entre os estilos penais separados por menos de um século, tendo por principal modificação a ausência do suplício e a substituição do mesmo pela prisão, pela multa e por outras formas de punição que visam cada vez menos castigar o corpo e cada vez mais controlar a vida, como já citado na seção anterior.

O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. (FOUCAULT, 2010, p.16).

Podemos perceber em *Handmaid's Tale*, que quando uma mulher apanha, ou é mutilada, isso não é feito com o intuito de apenas castigar seus corpos, mas de mantê-las fiéis às estruturas de dominação e fazê-las servir de exemplo para as outras. Tudo o que é inadequado à regra ou se afasta dela deve ser punido, “o castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios” (FOUCAULT, 1998, p. 173). Embora não haja um monarca ou soberano específico e presente, o poder soberano continua sendo exercido por aqueles que representam o poder dominante, não pelo teatro angustiante do suplício, que faria o condenado pagar por ofender aquele que tem poder sobre sua morte, mas a partir de um castigo corporal mais contido que, no entanto, tenha intensidade suficiente para tornar controlável sua vida.

Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e de dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora. (FOUCAULT, 1998, p.173).

De acordo com Foucault (2010), vários fatores contribuíram para o fim do suplício e o nascimento das prisões, sendo um deles o crescimento da economia capitalista, a partir da Revolução Industrial, no século XIX. O poder soberano torna-se insuficiente para esse novo modelo econômico e político, acompanhado de um grande aumento demográfico e crescente industrialização. Dessa forma, o foco do sistema penal desloca-se dos desejos de vingança do soberano para a proteção da sociedade burguesa, fazendo com o que o poder soberano passe a ser completado por um poder disciplinar, menos preocupado em supliciar os corpos e mais interessado em tornar úteis e dóceis esses corpos, para que se possa ter o máximo proveito e domínio deles, diminuindo sua capacidade de resistência e revolta.

O poder disciplinar se exerce tendo a vigilância como seu principal instrumento de controle, o que é ilustrado por Foucault (2010) através do Panóptico de Jeremy Bentham, uma estrutura arquitetônica que tem o intuito de garantir a ordem e que permite que se possa ver tudo o que está a sua volta sem ser visto pelo observado, induzindo “no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder”. (FOUCAULT, 2010, p.191). O Panóptico atua de forma que o poder seja invisível e inverificável, servindo como fórmula para um mecanismo disciplinar de organização e vigilância dos corpos, cujo modelo é replicado não só nas prisões, mas nas fábricas, escolas, quartéis e hospitais. Dessa forma, as práticas disciplinares não tocam o corpo, mas agem sobre ele, através uma homogeneização e de uma normalização, sob a permanência constante de um observador incorpóreo.

[...] O que permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; e absolutamente ‘discreto’, pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio. (FOUCAULT, 2010, p.170)

O poder disciplinar pode ser identificado em *Handmaid’s Tale* de várias formas como, por exemplo, pela divisão da sociedade por meio das cores e modelos das roupas, que leva a uma padronização que permite a identificação de seus membros, remetendo ao seu status social e ao trabalho que ele precisa realizar para que a República de Gilead funcione. Todos os homens usam preto, ou cores bastante escuras, embora seja nítida a distinção do requinte entre as roupas de comandantes em relação a outras castas. Já as mulheres, além dos modelos, usam roupas de diversas tonalidades de cores que as diferenciam (FIGURA 1): tons de azul para as esposas, tons de vermelho para as aias, tons de cinza para as martas e para as mulheres que trabalham nas colônias e tons de marrom para as tias. Apenas as prostitutas, ou jezebels, podem usar roupas de diversos modelos e cores, mas mesmo neste caso, as roupas não são escolhidas por elas.

FIGURA 1 – Imagem das Vestimentas (da esquerda para a direita: A esposa Serena, a Tia Lydia e a aia Emily).



Fonte: Hulu (2018)⁷

Os uniformes funcionam como símbolos de poder, que distinguem homens de mulheres, classes mais altas de classes mais baixas e, principalmente, evidenciam os tipos de mulheres aceitas nessa nova sociedade (a esposa e mãe, a que faz o trabalho braçal da casa, a que organiza e coordena e a que deve servir apenas para a reprodução). Cada um e cada uma ocupam um posto especializado e hierarquizado, que permite uma identificação dos corpos que são obedientes e dóceis e dos que não são, como as trabalhadoras das colônias e as prostitutas. Dessa forma, é possível controlar o comportamento dos indivíduos de forma mais efetiva, considerando que todos possuem uma marca que possibilita compreender sua utilidade e docilidade, mesmo sem que eles tenham que se apresentar. O que faz com que o próprio indivíduo policie suas ações, por saber que pode sofrer represálias, e concede a ele também o poder policiar o outro.

Em *Vigiar e Punir* (2010), Foucault não mantém seu foco na questão da resistência ou nas possibilidades de revolta, seu objetivo é analisar uma tecnologia política do corpo, uma microfísica do poder, que permita compreender a evolução histórica da legislação penal e o nascimento e funcionamento das prisões. Porém, Foucault (2010) também não ignora que exista resistência, considerando que não há

⁷ Disponível em: <<https://edition.cnn.com/travel/article/handmaids-tale-costumes/index.html?gallery=-1>>. Acesso em 30 abr 2019.

uma forma unitária, estática e localizável chamada poder, que possa ser estocado por um indivíduo ou um grupo, mas relações de poder exercidas de forma heterogênea pelos indivíduos de uma sociedade.

Finalmente, não são unívocas; definem inúmeros pontos de luta, focos de instabilidade comportando cada um seus riscos de conflito, de lutas e de inversão pelo menos transitória da relação de forças. A derrubada desses “micropoderes” não obedece portanto à lei do tudo ou nada; ele não é adquirido de uma vez por todas por um novo controle dos aparelhos nem por um novo funcionamento ou uma destruição das instituições; em compensação nenhum de seus episódios localizados pode ser inscrito na história senão pelos efeitos por ele induzidos em toda a rede em que se encontra. (FOUCAULT, 2010, p.30)

Certeau (1998, p. 41), no entanto, acredita que esta “microfísica do poder” proposta por Foucault “privilegia o aparelho produtor (da disciplina)”. O autor parte dos conceitos desenvolvidos em Vigiar e Punir (2010) para propor que, se de fato existe essa “vigilância generalizada”, é ainda mais importante focar nas “maneiras de fazer” dos indivíduos que se apropriam dos mecanismos da disciplina para alterá-los. A pesquisa de Certeau (1998) sobre as práticas cotidianas demonstra a astúcia e criatividade de grupos marginalizados para se oporem à uniformização e à obediência dos gestores da vida pública, através de micro-procedimentos que compõem uma rede de antidiplina.

Para melhor compreender a obra de Certeau (1998), é importante atentar à diferenciação que o autor propõe entre os conceitos de estratégia e tática. Para Certeau (1998, p. 46) as estratégias são “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável em um ‘ambiente’”. É necessário um “lugar próprio”, físico ou simbólico, que sirva de base e legitime as estratégias dos grupos neles estabelecidos⁸. Por outro lado, as táticas são “um cálculo que não pode contar com um próprio (...). A tática só tem por lugar o outro.” (CERTEAU, 1998, P.46).

As táticas são, portanto, por conta do seu não-lugar, a arma do fraco contra o mais forte, formas de driblar o sistema, de se inserir por frestas nas falhas de vigilância do poder. É a resistência no interior da própria ordem instituída. Toda vez que em *The Handmaid’s Tale*, a aia Offred chama a esposa do comandante apenas de “Serena”, em vez de “Senhorita Waterford” esta é uma tática para desestabilizar aqueles com um

⁸ “Gesto da modernidade científica, política ou militar” (CERTEAU, 1998, p. 99)

lugar privilegiado na sociedade de Gilead. O próprio deboche, a ironia, a sátira como subversão à ordem, são utilizadas diversas vezes na série como, por exemplo, no último episódio da primeira temporada⁹, quando Offred e as outras aias se recusam a apedrejar uma delas, Janine, utilizando a frase *I'm sorry, Aunt Lydia* (“Desculpe, Tia Lydia”, em português), que originalmente era uma frase estabelecida pelas tias para manter as aias subjugadas e verdadeiramente arrependidas.

(...) a tática é o movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’, como dizia von Büllow, e no espaço por ele controlado. (...). Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. (CERTEAU, 1998, p. 100).

Em vários momentos, Offred e as outras aias acabam se apropriando dos dispositivos disciplinares da sociedade de Gilead para usar a seu favor. Isso acontece, por exemplo, no terceiro episódio da primeira temporada¹⁰, quando Tia Lydia diz a Offred “Lembre-se das escrituras: ‘Bem-aventurados os que choram’” e ela completa a própria passagem bíblica, dizendo “e bem-aventurados os que sofrem por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus” em tom de ironia. Também em diversos episódios Offred se aproveita da sua condição de grávida, tida como sagrada pela sociedade de Gilead, para escapar de algumas situações, como no sexto episódio da segunda temporada¹¹, quando o comandante Fred tenta se relacionar sexualmente e ela diz temer machucar o bebê caso isso aconteça.

Para Certeau (1998, p.47), “muitas das práticas cotidianas (como falar, ler, circular, fazer compras ou preparar refeições) são do tipo tática”. De fato é preciso tomar cuidado para que não ocorra um exagero em se considerar que absolutamente tudo possa ser considerado enquanto tática de resistência, mas, por outro lado, também é importante não descartar essas aparentemente simples “maneiras de fazer” como passos importantes para subverter as estratégias de poder.

⁹Episódio número 10, intitulado *Night* (noite, em português). Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Handmaid%27s_Tale_\(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Handmaid%27s_Tale_(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o))> Acesso em 09 maio 2019.

¹⁰Episódio intitulado *Late* (Tarde, em português). Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Handmaid%27s_Tale_\(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Handmaid%27s_Tale_(s%C3%A9rie_de_televis%C3%A3o))> Acesso em 09 maio 2019.

¹¹ Episódio intitulado *First Blood* (Primeiro Sangue, em português). Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/The_Handmaid%27s_Tale_\(TV_series\)](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Handmaid%27s_Tale_(TV_series))>. Acesso em 09 maio 2019.

É imprescindível citar o *Mayday* como uma das formas mais organizadas de resistência em *The Handmaid's Tale*, ao menos até a segunda temporada. Trata-se de um grupo secreto que trabalha para derrubar a República de Gilead de dentro. Esses rebeldes parecem saber tanto sobre si mesmos quanto o público, visto que nem eles sabem quantos são e nem exatamente quem são. Eles agem como espiões, usam códigos e estão inseridos nas diversas castas de Gilead, utilizando diversas táticas para resistir, sobreviver, ajudar as aias a fugirem e tentar derrubar o poder vigente. Embora ajam geralmente de maneira silenciosa, eles também acabam provocando um atentado que mata muitos comandantes (e aias) no sexto episódio da segunda temporada, já citado anteriormente.

O sistema de constante vigilância de Gilead faz com que as aias não consigam ao menos confiar umas nas outras. Elas são sempre destinadas a fazer compras em dupla com outra aia desconhecida, que por vezes pode ser substituída. A descoberta do *Mayday* por Offred e, conseqüentemente, pelo público, gera um sentimento de esperança em meio ao caos. Após suas roupas vermelhas e chapéus brancos terem marcado por tanto tempo sua posição de submissão enquanto aias. No último episódio da primeira temporada, podemos finalmente ouvir June dizendo “a culpa é deles. Nunca deveriam ter nos dado uniformes se não queriam que fôssemos um exército”. O uniforme nesse sentido já não é só mais uma estratégia de poder, é apropriado pelas táticas de resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, foi possível analisar algumas das várias táticas de resistência que podem ser encontradas nas duas temporadas da série *The Handmaid's Tale*, a partir da perspectiva de táticas de Certeau (1998) e da compreensão dos conceitos de poder soberano, poder disciplinar e vigilância (FOUCAULT, 2010) e biopoder (FOUCAULT, 2005). É importante frisar que seria ilógico metodologicamente provocar uma divisão que analisasse por um lado as estratégias do poder dominante e, por outro lado, as táticas de resistência, visto que ambas estão imbricadas numa relação de ação-reação contínua. Além disso, em “Vigiar e Punir” (2010), Foucault nos fala sobre um poder que não pode ser engessado, enlatado e mantido por um único grupo dominante que consiga sugar esse poder todo para si, mas sobre relações heterogêneas, da mesma forma colocada por Certeau

(1998) em “A invenção do cotidiano”, ao apontar que as táticas ocorrem dentro do campo inimigo e muitas vezes utilizando suas próprias armas.

The Handmaid's Tale é uma série que levanta temas complexos, como o machismo, o extremismo religioso, o mau uso dos recursos naturais, o controle populacional e tantos outros. O assustador é justamente pensar em quanto uma série de ficção sobre mulheres transformadas em escravas sexuais pode estar próxima da nossa realidade. Quantas mulheres de fato já existem nesse tipo de situação e a partir de que táticas elas vêm resistindo?

É interessante pensar também em quanto as esposas de Gilead acabaram colaborando para a construção de uma sociedade machista e a retirada de seus próprios direitos, como o de ler e escrever, por acatar um discurso de sobrevivência da espécie a qualquer custo, como propõe o biopoder. Colocando inclusive a culpa da infertilidade nas próprias mulheres, consideradas impuras, ainda que a série mostre que a infertilidade possa ser um problema dos próprios comandantes. Como bem coloca Certeau (1998), o diabo parece estar em toda parte, menos no lugar exato onde os caçadores de bruxas acreditam tê-lo encontrado.

Nossas reflexões sobre o tema certamente não se encerram neste artigo, muito pelo contrário, levam a uma gama de outras questões e provocações. Esta é uma breve análise de como funcionam as estratégias do poder e como temos que estar sempre atentos à possibilidade de perda de direitos básicos. Por outro lado, também esperamos ter demonstrado que não estamos sozinhas e que não nos entregaremos sem luta, pois onde houver poder, haverá resistência, como demonstra Foucault. *Nolite te bastardes Carborum*¹²!

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. 3 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARÍN-DIAZ, Dora Lília. **Autoajuda, educação e práticas de si: genealogia de uma antropotécnica**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. Martins Fontes: São Paulo, 2005.

_____. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramallete. 38. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

¹² Expressão do latim utilizada em *The Handmaid's Tale*, baseada numa piada interna. Pretende significar algo como “Não deixe que os bastardos te derrubem!”.

The Handmaid's Tale [Seriado]. Temporadas 1 e 2. Criador: Bruce Miller. Produção: Margaret Atwood e Elisabeth Moss. Hulu, 2017 e 2018. Disponível em: <<https://www.hulu.com/press/show/the-handmaids-tale/?temp=synopses>>. Acesso em 09 maio 2019.